

# Agriculturas empresariais e espaços rurais da globalização: abordagens a partir da América do Sul



BÜHLER, Eve Anne; GUIBERT, Martine; OLIVEIRA, Válter Lúcio de. *Agriculturas empresariais e espaços rurais da globalização: abordagens a partir da América do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

*Ana Carolina Torelli Marquezini Faccin*

✉ caroltorelli.faccin@gmail.com

O livro *Agriculturas empresariais e espaços rurais da globalização: abordagens a partir da América do Sul* coloca em pauta assuntos atuais e muito pertinentes no que tange à modernização recente da agricultura e aos mecanismos políticos e econômicos utilizados para a manutenção de sua importância, especialmente no caso da economia brasileira. Trazendo uma abordagem crítica e realista, esse conjunto de artigos cria uma diversificada análise que compreende, entre variados temas, as bases modernas de um novo modelo agrícola, o papel do Estado, suas políticas públicas e relações de poder, além de discutir a diversificação e a coexistência entre diferentes modelos de produção agrícola.

Os textos selecionados para este livro, organizado por Eve Anne Bühler, Martine Guibert e Válter Lúcio de Oliveira, estão separados em três partes (com quatro capítulos cada um), criando um panorama aprofundado da complexa situação enfrentada pelos países sul-americanos face às formas modernas e lógicas globais de produção, especialmente das cadeias de grãos e carne. As chamadas

*agriculturas empresariais* são apresentadas como formas extremamente especializadas de produção, onde o centro de comando está muito distante das áreas produtivas, deflagrando a forte *verticalidade* presente nos países sul-americanos e essencial para o agronegócio praticados pelas empresas transnacionais. Tal modelo de agricultura detém flagrante protagonismo em relação a outros modos de produção mais tradicionais, onde não há uma separação clara entre o que seria ganho da atividade de subsistência e o conseqüente lucro obtido sobre a produção excedente. Nesse sentido, a terra configura como elemento central, uma vez que as forças seletivas de modernização agrícola tendem a acirrar conflitos agrários em razão da grande especulação fundiária e processos de apropriação e controle de terras por estrangeiros, além da concentração de recursos materiais e financeiros pelas grandes empresas (*land grabbing* e *control grabbing*). Analisando grande parte das implicações territoriais possíveis desse complexo processo em países como Brasil, Bolívia, Argentina e Uruguai, a obra busca apontar as fragilidades enfrentadas do ponto de vista local/regional.

A extrema especialização produtiva em voga nos referidos países, pautada em poucos e selecionados produtos (em sua maioria, *commodities* de grande valor econômico no mercado mundial), transforma as relações de regiões agrícolas de países periféricos, redefinindo atividades do meio rural-urbano, organizado a economia regional e ordenando investimentos públicos em melhorias para tais atividades, negligenciando investimentos mais conectados à realidade e desenvolvimento local.

Desse modo, a primeira parte do livro se ocupa em discutir os fundamentos de um novo modelo agrícola, iniciando-se com a análise de Guillermo Anlló e Roberto Bisang acerca da evolução da economia agrária à moderna bioeconomia, discutindo como o uso da terra (em duas mais diversas formas, desde o agricultor até a mais sofisticada rede de empresas) é um conceito chave para as economias sul-americanas, em particular as do Brasil Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai.

Carla Gras e Valeria A. Hernández, analisando modelos de desenvolvimento agrário da Argentina, trabalham a ideia da ocorrência de uma reorganização do trabalho agrícola, em parte por meio da incorporação das inovações técnicas que possibilitaram, de maneira geral, uma nova divisão do trabalho, com destaque para a atuação da *Asociación Argentina de Productores em Siembra Directa* (APRESID).

Denise Elias discute a reestruturação agropecuária e urbana no País, destacando as novas formas de uso e ocupação do território, além de contemplar diferenciações nas relações campo-cidade. Defendendo a hipótese de que a intensificação da urbanização e novas regionalizações estariam intimamente ligadas

à expansão do agronegócio, a autora aponta que os núcleos urbanos (com perfil econômico direcionado à prestação de serviços especializados) configurariam uma enorme rede de apoio às atividades agroindustriais nas mais variadas regiões agrícolas brasileiras.

Samuel Frederico e Marina Castro de Almeida encerram a primeira parte abordando o fato de que a produção de *commodities* para exportação afeta a economia política do território, desencadeando um forte controle corporativo da logística no agronegócio. Investimentos estatais e privados se unem para maior fluidez territorial, envolvendo inúmeros conflitos e fragmentação em diversas escalas.

Na segunda parte do livro Sergio Pereira Leite e Valdemar J. Wesz Junior abordam o tema das políticas públicas como meio de financiamento do agronegócio no Brasil, tomando como base analítica o caso da soja no Mato Grosso, contrariando o argumento padrão de que o desenvolvimento de tal atividade teria se dado principalmente por meio da iniciativa privada. Diego Fernandez continua no mesmo debate, discutindo em seu artigo o papel do Estado na hegemonia galopante da empresa agrícola de grande escala, utilizando como exemplo o caso do Pampa argentino.

Marcos Botton Piccin destaca a recomposição do patronato rural no Rio Grande do Sul, com ênfase nos processos sociais que envolvem diferentes perfis de agricultores, demonstrando toda uma evolução das antigas elites rurais até os mais novos atores, que chega com novos valores sociais. Tal análise é operacionalizada levando-se em conta o contexto de abertura econômica no começo da década de 1990, fato que ocasionou enorme impacto nas atividades estancieiras, principalmente nas formas de relacionamento com o mercado externo.

Fechando essa segunda parte, temos uma análise de Pierre Gautreau, Marie Gisclard, Lorenzo Langbehn e Gabrielle Marquis-Dupont acerca da regulação de fronteiras sul-americanas, com destaque para políticas ambientais no Uruguai, Argentina e sul do Brasil. Esses autores, tendo em consideração o moderno agronegócio destes países, afirmam uma mudança de paradigma ecológico, sendo que as restrições ambientais estariam sendo afrouxadas para não constranger atividades fortemente ligadas ao agronegócio.

A parte três deste livro conta com a contribuição de Bastiaan Reydon e Andreia Marques Postal acerca do agronegócio sucroenergético brasileiro. A discussão é pautada nos diferentes modelos de negócio no setor, culminando na abordagem de formas de acesso à matéria-prima (acesso à terra ou acesso à cana em terras de terceiros) e os impactos de gestão empresarial no setor.

Pedro Arbeletche discute a presença de atores estrangeiros e transformações agrárias no Uruguai, em uma sucessão que foi do modelo pecuarista tradicional ao modelo plenamente empresarial. José Muzclera aborda a persistência da gestão familiar no agronegócio na região dos pampas argentinos, focando sua análise na figura dos prestadores de serviços agrícolas, chamados de *contratistas*, responsáveis pela aplicação e difusão de novas tecnologias capazes de impactar profundamente a dinâmica da região. Por fim, Enrique Castañón Ballivián dissecou o discurso empresarial no departamento de Santa Cruz, na Bolívia, contrastando tal ideologia com a realidade camponesa da região, tendo como contexto a produção de soja e tecendo uma análise à luz da ecologia política.

A leitura desse conjunto de análises variadas nos permite concluir que os espaços cada vez mais se especializam seguindo o ritmo do consumo mundial por *commodities* agrícolas, o que acaba gerando inúmeras implicações no lugar de produção. A agricultura empresarial, segundo os autores, tem por forte característica uma natureza homogênea e com foco na viabilização da produção de grandes volumes voltados para o mercado externo e essa operacionalização gera políticas públicas e demanda recursos estatais que poderiam ser direcionados para fins mais democráticos. Dito isso, este livro se firma como uma importante contribuição para compreendermos a relação assimétrica estabelecida no cenário global do agronegócio e para entendermos mais claramente o cenário a partir de abordagens de situações atuais e conflitantes em alguns países da América do Sul.

\* \* \*

### **Sobre a autora da resenha**

*Ana Carolina Torelli Marquezini Faccin*: possui Bacharelado, Licenciatura e Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atua principalmente nos seguintes temas: competitividade regional, vulnerabilidade territorial, logística de produtos agrícolas, complexo soja, circulação de mercadorias, fronteira e interações espaciais.

 **BCG**: <http://agbcampinas.com.br/bcg>